

O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA POSSIBILITANDO MUDANÇAS NOS MODOS DE PERCEPÇÃO DA ARTE

Greice Cohn

Profª Colégio Pedro II

Coord. Pedagógica do Pólo Arte na Escola/UFRJ

Resumo

Este trabalho se concentra no ensino da arte contemporânea, avaliando as transformações trazidas por esta abordagem da arte ao universo pedagógico, tanto na atitude dos docentes, como na dos alunos. A partir dessa análise propomos uma reflexão sobre o potencial pedagógico presente nesse tipo de arte com vistas ao desenvolvimento de práticas fundamentadas nas propostas e formas de abordagem da arte contemporânea.

Palavras-chave: ensino da arte; arte contemporânea; pedagogia da arte.

Abstract

This paper is about the teaching of contemporary art. It evaluates the transformations in the teachers' as well as the students' attitudes brought up by this specific art approach. From the current analysis we propose a reflection about the pedagogic potential present in contemporary art, with the purpose of developing practices based on various ways of viewing and approaching contemporary art.

Key-words: art teaching; contemporary art; art pedagogics

O contato mediado dos alunos com imagens e obras de arte é uma prática estabelecida no contexto da educação formal no Brasil desde a década de oitenta, quando novas propostas¹ nortearam a arte-educação e o ensino da Arte no nosso país. Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação na década de noventa, o ensino da Arte se estabeleceu como disciplina e vem, graças aos esforços pedagógicos e políticos dos arte-educadores, se afirmando como área de conhecimento dentro da escola.

As teorias que norteiam o ensino da Arte atualmente enfatizam as interrelações entre o fazer artístico, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra ao mesmo tempo em que consideram o ponto de vista do aluno, seu contexto e suas leituras de mundo, com o propósito, segundo Efland, de

[...] contribuir para o entendimento dos panoramas social e cultural habitados pelo indivíduo. As crianças do amanhã precisam das artes para capacitá-las a compreender e a comunicar-se com os termos de sua sociedade, para que elas

possam ter um futuro nessa sociedade (EFLAND, in BARBOSA, 2005).

Considerando que a leitura de obras de arte é sempre uma leitura de mundo, Barbosa completa o pensamento de Efland, ao afirmar que

“a Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo” (BARBOSA, 2003, p.18),

Se a Arte se apresenta como uma possibilidade de inserção do indivíduo em sua sociedade, é colocada ao ensino da Arte a tarefa de educar leitores de obras artísticas, ocupando seu espaço como mediador entre público e produção artística e, conseqüentemente, entre o indivíduo e sua sociedade.

Focaremos nosso trabalho no ensino da arte contemporânea, expressão artística da sociedade atual, nos concentrando nas transformações trazidas por esta abordagem da arte ao universo pedagógico, tanto na atitude dos docentes, como na dos alunos, com vistas à reflexão sobre o potencial pedagógico presente nesse tipo de arte e no desenvolvimento de práticas fundamentadas nas formas de abordagem da arte contemporânea.

1. Os desafios que o ensino da arte contemporânea apresenta ao professor de Arte

A arte contemporânea, com sua diversidade e riqueza de propostas, coloca o público e, principalmente, os professores de Arte diante de questões que os obrigam a rever seus conceitos sobre a arte. Como afirma Lontra,

obras-de-arte contemporâneas são o resultado de uma série de questões que se articulam com a inteligência, a ideia e o estabelecimento de engrenagens intelectuais, originando uma poética peculiar que integra o paradoxo, a surpresa e o inusitado na articulação de uma linguagem [...] Portanto, a arte contemporânea exige do artista - e do público - nova postura, na qual a contemplação cede lugar à inquietude e à participação. Arte contemporânea é, antes de tudo, um convite ao raciocínio (LONTRA, 2006, p.1).

Esse convite ao raciocínio é sintetizado pelo filósofo Theodor Adorno com a seguinte afirmação: “Hoje aceitamos sem discussão que, em arte, *nada* pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar”ⁱⁱⁱ. A abordagem

reflexiva, conceitual, poética, participativa, provocativa, não literal e não descritiva da arte contemporânea, enfatizada nos pensamentos de Adorno e Lontra, é um convite contínuo à revisão da postura espectral do público, que é chamado à participação ativa diante das obras, tanto intelectual quanto, em alguns casos, fisicamente. Essa mudança na abordagem apresentativa transforma os modos de percepção do público, de forma geral, e também dos arte-educadores, que teriam que rever, inclusive, os seus discursos sobre ela. Enquanto o público, diante do estranhamento e questionamento provocados pela arte contemporânea, muitas vezes se retrai, do arte-educador é esperada uma atitude além do *gosto ou não gosto*. Ele precisa vencer o preconceito, se aproximar, conhecê-la, desenvolver um diálogo com ela, compreendê-la a ponto de transitar sem medo pelo conjunto de mudanças proposto por esta abordagem da arte. Como primeiro desafio, então, o professor está diante da necessidade de proximidade, estudo e atualização. Como coloca Sadek (2006, p. 4),

para conviver com a arte contemporânea é necessário conhecer vários assuntos. De taoísmo a trânsito, de física a moda, de fotografia a filosofia, de produtos industriais a sucatas, cada artista requer uma base de conhecimentos para ser entendido. É preciso saber sobre História da Arte, ter referências sociológicas, navegar pela psicanálise.

Essa ampliação do campo de estudo e pesquisa, associada à mudança na atitude espectral já mencionada, provoca no educador uma busca por diferentes abordagens metodológicas que dêem conta de práticas capazes de permitir que a sala de aula seja um ambiente de reverberação das provocações e questionamentos trazidos pela arte contemporânea. Busca que resultaria numa possível integração dos novos paradigmas propostos pela arte contemporânea aos processos de aprendizagem da arte ou, como afirma Menezes, colocaria “a arte contemporânea como fundamento para a prática do ensino da arte”ⁱⁱⁱ.

Antes de penetrarmos nessa questão, analisemos as imbricações existentes entre a Arte e o ensino da Arte, para situarmos mais amplamente as questões que envolvem esse desafio.

Enquanto a Arte é a expressão de uma sociedade e, comumente é a sinalização para transformações culturais que ainda estão se processando, a

Educação caminha de acordo com as formas de pensar dessa sociedade e reproduz essas formas de pensar. A Arte-Educação, como campo híbrido entre a Arte e a Educação, está situada num complexo campo de tensões existentes entre as formas de pensar estabelecidas e as transformações que estão se processando. Sofre, então, influências dos múltiplos vetores que permeiam esse campo. Para percebermos mais claramente como se dão essas influências, observemos, no período que percorre os últimos dois séculos, as mudanças que se processaram no ensino da Arte no Brasil, suas relações com as tendências pedagógicas norteadoras da Educação no país e, principalmente, com os movimentos artísticos que então se desenvolveram.

Voltando ao período a partir da República, quando a educação era centrada no ensino e na figura do professor (IAVELBERG, 2006, p. 1), vemos o ensino da arte vinculado à cópia de modelos e exercícios de treino de habilidades, onde a questão técnica predominava. Não se levava, então, em conta as diferenças individuais na aprendizagem dos alunos, que era concebida como introjeção de modelos de referência neoclássica e pré-moderna. Com a escola renovada a partir da segunda década do século XX até o início dos anos 80, o compromisso da Arte na Escola era apenas com o desenvolvimento da expressão pessoal do aluno. A criança era então concebida como um ser ativo com interesses e necessidades cujas experiências precisavam ser respeitadas na escola. A arte feita na escola era então vista como atividade expressiva, livre e natural, onde a exploração de materiais e técnicas era praticada com foco no processo, e não mais no produto como anteriormente (id.).

Da pedagogia tradicional à pedagogia nova (ambas identificadas por Fusari com a tendência Idealista-Liberal) vimos o ensino da Arte passar, ainda na primeira metade do século XX, de uma proposta que priorizava os conteúdos e via o aluno como ser depositário destes conhecimentos, para outra que defendia práticas que refletiram as correntes artísticas modernas, enfatizando a livre-expressão, a subjetividade, a originalidade, a espontaneidade, a criatividade e a individualidade.

Na segunda metade do século XX, porém, na Europa, Estados Unidos e, posteriormente, no Brasil (década de oitenta), desenvolveram-se várias pesquisas e estudos que resultaram em transformações que refletiram

inquietações trazidas pelas sociedades pós-modernas (inquietações essas que eram já traduzidas pela arte produzida nessas sociedades) e o ensino da Arte passa a se identificar com a tendência “realista-crítica”^{iv} que vigora até os dias de hoje e, segundo a qual

a educação e a escola são partes integrantes da totalidade social. No entanto, não são mera reprodução da estrutura social vigente, mas ao contrário, mantêm relações de reciprocidade (influências mútuas) com a mesma. Nesse sentido, agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade. Cabe à escola difundir os conteúdos vivos, concretos, indissolivelmente ligados as realidades sociais. Os métodos de ensino não partem de um saber artificial, depositado de fora, e nem do saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno confrontada com saber trazido de fora. O professor é o mediador da relação pedagógica, um elemento insubstituível. É pela presença do professor que se torna possível uma ‘ruptura’ entre a experiência pouco elaborada e dispersa dos alunos, rumo aos conteúdos culturais universais permanentemente reavaliados face às realidades sociais (FERRAZ&FUZARI, 2001, p. 46)^v.

Referindo-se ao comentário de Arthur Efland (“neste século (XX)^{vi} o conflito na Arte-Educação aconteceu entre os que se concentram nos conteúdos da Arte e nos que vêem a Arte como auto-expressão”)^{vii}, Parsons afirma que espera poder assistir no século XXI “a uma fusão destas duas abordagens numa só, que faça a ligação do estudo das Artes com a vida dos alunos e as estruturas emocionais (entendidas no contexto do construtivismo social das Artes e da Educação)”^{viii}. Esta fusão mencionada por Parsons se revela como um espaço complexo e desafiador, onde é preciso considerar o aluno, conhecê-lo e focar nos seus processos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que precisamos também conhecer a Arte, sua história, seus modos de operar na sociedade, seus contextos de criação e apresentação, além da cultura visual do mundo que nos cerca.

É neste espaço relacional entre o aluno e o mundo que se situa a arte-educação na atualidade. O ensino da Arte na contemporaneidade se propõe relacional, múltiplo, participativo, inclusivo e questionador, de forma que possa proporcionar aos seus alunos uma atitude ativa, crítica e reflexiva diante do mundo. Remete-nos, assim, à arte contemporânea, cuja abordagem se dá no espaço relacional, dialógico e indagativo existente entre obra e espectador, provocando neste uma atitude ativa, crítica e reflexiva diante de suas obras.

Poderíamos ainda, de forma resumida, esquematizar da seguinte forma:

Pedagogia Tradicional	Pedagogia Modernista	Pedagogia Pós-Modernista
Centrada no ensino, nos conteúdos e na figura do professor (EXTERIOR)	Centrada no aluno e sua expressividade (INTERIOR)	Centrada no diálogo entre o aluno e a arte/ mundo (NO ESPAÇO RELACIONAL, NO DIÁLOGO ENTRE)

Parecem-nos nítidas as relações que se estabelecem entre as formas de abordagem da arte e as metodologias desenvolvidas no contexto do ensino da Arte, o que nos faz pensar sobre a necessidade de atualização do professor de Arte, tanto no que se refere aos princípios metodológicos que norteiam o ensino da Arte, como também sobre a Arte de seu tempo. Ressaltamos, porém, que o 'conhecer a Arte de seu tempo' não deve objetivar apenas a arte contemporânea como conteúdo (da mesma forma como é importante que ele conheça outros momentos da História da Arte), mas, principalmente, a sua melhor compreensão sobre a forma pela qual a arte dos dias de hoje opera e age sobre os processos de ensino-aprendizagem nos quais suas práticas estão inseridas, podendo, inclusive essa abordagem da arte, fundamentar o desenvolvimento de novas práticas. Como afirma Eco,

Perguntamo-nos então se a arte contemporânea, educando para a contínua ruptura dos modelos e dos esquemas [...] não poderia representar um instrumento pedagógico com funções libertadoras; e neste caso seu discurso iria além do nível do gosto e das estruturas estéticas, para inserir-se num contexto mais amplo, e indicar ao homem moderno uma possibilidade de recuperação e autonomia (ECO, 2003).

Como seriam, então, as práticas pedagógicas fundamentadas na arte contemporânea? O que a arte contemporânea tem a contribuir para o ensino da Arte?

1. Aspectos pedagógicos presentes na arte contemporânea e sua apropriação em sala de aula.

Destacaremos aqui dois aspectos presentes nas formas de abordagem da arte contemporânea que, por seu caráter construtivista, identificam e aproximam este tipo de arte do universo pedagógico, apontando para o

desenvolvimento de práticas que possibilitem a reverberação de suas propostas no contexto educativo:

- 1- o convite à participação;
- 2- o caráter indagativo, questionador e multidisciplinar;

As obras contemporâneas fogem da descrição e representação ao penetrarem num espaço poético no qual possíveis decifrações vão se dar no momento de apreciação. O espectador é, assim, chamado continuamente à participação através do convite à construção de sentidos e à decifração dos simbolismos propostos pelas obras.

As obras contemporâneas trazem mais perguntas do que opiniões ou pontos de vista. Quando abordam em suas propostas poéticas situações apresentadas pela sociedade, artistas como Raul Mourão^{ix}, com suas grades, ou Adriana Varejão^x, com seus azulejos e *superfícies viscerais*, deixam em aberto essas questões e convidam o espectador a se perguntarem sobre elas, estabelecendo, assim, possíveis relações interpretativas a seu respeito. As obras contemporâneas são “produtos que parecem simples à primeira leitura, mas que ficam complexos, completos e mais fascinantes quando nos aproximamos e descobrimos as referências necessárias à sua compreensão” (SADEK, 2006, p. 4).

Destacamos ainda o caráter multidisciplinar presente nas obras contemporâneas, que se apresenta duplamente: tanto na riqueza de universos evocados pelas obras, pela complexidade de suas conexões com outros temas aparentemente ocultos e nas múltiplas relações estabelecidas entre esses universos poéticos; como também, por meio da variedade de linguagens apresentadas, que trazem ao universo da arte o contato com outros saberes.

Assim, o convite à participação e o caráter indagativo e multidisciplinar compõem uma pedagogia da arte contemporânea que pode ser incorporada em sala de aula fundamentando as práticas ali desenvolvidas. Práticas que possibilitem a reverberação dessa pedagogia da arte no espaço da sala de aula, permitindo que este seja um espaço indagativo, construtivo, questionador, onde a construção de sentidos vai se dar a partir da participação do aluno e de seu envolvimento com as questões apresentadas; um espaço onde a pergunta seja bem-vinda; onde as informações e o acesso ao conhecimento sejam um convite à reflexão; onde a visão do aluno seja considerada e a experimentação

por caminhos não previstos possa ser incorporada; onde haja uma interconexão de muitos saberes, um espaço que estimule a pesquisa para além do contexto dessa disciplina e possa incorporar os resultados ali obtidos nos projetos desenvolvidos; um espaço vivo e pulsante onde a curiosidade e a reflexão sejam agentes nos processos de aquisição de conhecimento.

Observamos, a partir de nossa experiência^{xi}, que o encontro dos alunos do Ensino Médio com a arte contemporânea mediado por um conjunto de práticas onde os aspectos citados acima foram valorizados, vem possibilitando importantes transformações na visão e vínculos que estes alunos estabelecem com a arte (universo antes considerado distante, inatingível e até desinteressante, segundo suas próprias palavras) e, conseqüentemente, com sua sociedade.

As práticas desenvolvidas na primeira série do Ensino Médio, cujo programa aborda *a conceituação da arte; a conceituação da estética contemporânea em contraponto com as estéticas clássica e moderna; e a função social da arte na contemporaneidade*, tem como objetivo principal a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de dialogar com a produção de arte de seu tempo. Listaremos a seguir as principais estratégias utilizadas pelos professores:

- a) Aulas expositivas
- b) Leituras e debates sobre textos (apostilas, artigos e críticas publicadas)
- c) Leitura de imagens (estáticas e em movimento)
- d) Visitas a exposições de arte contemporânea em museus, galerias e/ou centros culturais
- e) Criação e construção de trabalhos plásticos baseados ou não nas exposições vistas (individualmente e/ou em grupo)
- f) Montagem de exposições destes trabalhos para a comunidade escolar e familiar
- g) Encontros com artistas
- h) Discussão e escrita de textos sobre as experiências vividas

Esse conjunto de práticas vem possibilitando aos alunos uma aproximação e interesse pela arte de seu tempo. Verificamos uma mudança em seu comportamento diante da arte quando encontramos alunos ou ex-

alunos sozinhos visitando exposições em centros culturais ou museus, alunos que incorporaram este hábito ao seu dia-a-dia e vão levá-las consigo para além das fronteiras espaciais e temporais do universo escolar.

2. Transformações observadas na atitude dos alunos

Quando inicialmente abordamos a arte contemporânea teoricamente, a primeira reação dos jovens alunos não difere de qualquer adulto não familiarizado com as propostas contemporâneas da arte. Estranhamento e incômodo são sensações que as obras de arte contemporâneas lhes causam num primeiro contato, aliás, melhor dizendo, antes do primeiro contato de fato. Opiniões e julgamentos como “isto não é arte”, “isso qualquer um pode fazer” fazem parte de um senso comum sobre *o que é arte* que eles já trazem consigo e segundo o qual avaliam e julgam também movimentos anteriores, como a arte moderna. Tudo que se afaste dos conceitos acadêmicos de arte e de sua vinculação com a representação fiel do mundo, para eles, a princípio, contradiz o próprio conceito de arte. Estamos falando aí de uma predisposição cultural construída ao longo de suas vidas num espaço social mais amplo que a escola, cujas razões não discutiremos aqui. Cabe ao professor de Arte abordar e situar de forma que eles possam se perceber criticamente nessa relação.

Por outro lado, a curiosidade dos alunos, sua avidez por algo que seja pulsante, sua disponibilidade ao afeto, seu interesse pelo espaço social e sobre seu mundo são também predisposições apresentadas por eles. Jovens são, por natureza, receptivos à mudança, dinâmicos, curiosos, entusiasmados, vivos, querem estar sintonizados com o seu tempo e não lhes agrada a percepção de si mesmos como pessoas conservadoras. O professor tem meios de lhes oferecer este espelho e este é um recurso pedagógico potente para a abertura de novas formas de percepção.

Este primeiro momento, então, acaba por se revelar como uma oportunidade de desconstrução de preconceitos e convite para novos olhares diante da arte. Apresenta-se como uma etapa desafiadora, na qual se deve lembrar que “não podemos usar critérios pertinentes a um tipo de arte como julgamento para estabelecer critérios para outros tipos de arte” (SANTAELLA, 2005) e que a função do professor não é convencê-los a gostar ou não da arte contemporânea, mas oferecer-lhes ferramentas para dialogar com ela,

deixando para trás o lugar comum do preconceito que cega e distancia, e convidando-os a ocupar um lugar de compreensão e intimidade com a arte do seu tempo. Como discorre Martins (2005, p.17),

A simbiose entre gostar e compreender freqüentemente inibe a disponibilidade ao contato e requer trabalho do mediador para que o fruidor perceba que pode compreender e valorizar uma obra, independentemente de sua preferência (pode-se não gostar, mas compreender a obra e sua própria preferência).

Vejamos agora as transformações que a arte contemporânea provoca no olhar dos alunos.

O primeiro aspecto que podemos ressaltar se refere ao tempo. Ao estudarem a arte contemporânea, pela primeira vez, os alunos percebem a arte como algo atual, de sua época. Observamos que a experiência do estudo de movimentos artísticos presentes em momentos anteriores da História da Arte ao longo de anos leva os alunos à associação da arte com *coisa do passado* (segundo suas próprias palavras). As contextualizações históricas, sociais, políticas, econômicas, geográficas, biográficas trazidas pelo professor permitem que eles se transportem no tempo/espaço e transitem por outros universos culturais e temporais, lhes possibilitando o diálogo com as obras de arte apresentadas e com outras sociedades. Mas fica impressa a noção de arte como *máquina do tempo que os permite viajar a outras culturas e civilizações*. Ao contrário, o contato com a arte contemporânea lhes pede que aterrissem no presente, que olhem para sua própria sociedade e o que acontece dentro dela. As obras são espelhos vivos, pulsantes e, muitas vezes, desconcertantes de sua sociedade. Essa consciência provoca neles uma empatia e identificação que potencializa seu interesse e curiosidade, como podemos observar nos comentários^{xii} a seguir:

“Eu posso dizer que arte contemporânea é uma releitura do mundo real, ou seja, ela nos dá uma visão do mundo totalmente diferente” (A. S. F.)

“Acho que quando chega no movimento contemporâneo é mais interessante, pois está relacionado à realidade, aos tempos atuais, uma arte mais crítica para nós. Porque aí que a gente vê como os artistas fazem as críticas” (E. S.)

“A arte contemporânea não é só uma obra não-tradicional, com o intuito de entrar em desacordo com esta, mas sim uma forma mais democrática de se compartilhar não apenas sentimentos, mas também pontos de vistas de questões que estão na mente de todos atualmente”. (E.V.)

“Se soubermos enxergar a arte como não sendo somente algo que está longe, algo restrito, mas sim o reflexo da nossa própria vida, do dia-a-dia de toda uma sociedade, estaremos nos dando a liberdade de participar a todo o momento da arte... sendo a nossa própria vida uma obra com suas características particulares” (G. A.)

“Me deu uma noção melhor e maior até do que está à minha volta”. (C.)

O fato de saberem que alguns artistas que produziram as obras vistas por eles estão vivos, e que, muitas vezes, residem em sua própria cidade, lêem os mesmos jornais que eles, vivem as mesmas pressões políticas, econômicas e sociais, enfim, respiram o mesmo ar, também opera como um fator de aproximação significativo. Eles percebem que as obras desses artistas falam de seu tempo, logo, falam deles próprios de alguma forma.

O segundo aspecto se situa na forma de abordagem da arte contemporânea. Sua abordagem não representativa, mas apresentativa os surpreende e atrai. Como já mencionamos, a arte contemporânea não descreve o mundo real, mas constrói narrativas poéticas sobre ele, apresentando possibilidades de reflexão sobre este mundo e exigindo do espectador uma participação ativa no seu processo de apreciação e decifração. O espectador é chamado à participação e à interação. Como afirma Archer “observar a arte não significa ‘consumi-la’ passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador. Olhar não é um ato passivo; ele não faz que as coisas permaneçam imutáveis” (ARCHER, 2001, p. 235). O maior anseio do jovem é pertencer e interagir com a sua sociedade. Ele, diante de uma obra contemporânea, sente-se inserido, pertencente a esse espaço obra/mundo/espectador e, conseqüentemente, chamado à participação neste processo de pertencimento. Esse chamado à participação pode ocorrer em diferentes níveis, intelectual, afetivo e, muitas vezes, físico. Não é preciso dizer como esta chamada à participação resulta estimulante para os alunos.

Os jovens têm hoje íntimo contato com tecnologias interativas diante das quais eles agem na maioria das vezes automaticamente, sem tempo nem estímulo à reflexão. Esse hábito constrói neles um padrão de impaciência diante da contemplação, onde a apreciação da arte fica sem espaço ou lhes parece, à primeira vista, monótona e pouco atraente. A possibilidade de interação diante de uma obra de arte, de imediato, lhes chama a atenção e os

atrai. Não queremos afirmar com isso que devamos nos resignar diante de sua dificuldade de contemplação de formas de abordagem menos estimulantes, ao contrário, ressaltamos aqui que a aproximação com obras interativas se mostra como uma porta de entrada para a aproximação com outras formas de abordagem da arte. Verificamos que, a partir desse contato, eles atingem outros níveis de percepção e manifestam o desejo de aprofundar a experiência e estendê-la. Os seus comentários nos mostram isso:

“A arte contemporânea, principalmente, me ajudou a parar e pensar mais sobre coisas aparentemente banais. Ajuda a pensar em coisas como: não, aquela não é só uma bandeira. O que aquela bandeira pode estar querendo transmitir?” (A.F.).

“A arte contemporânea faz você buscar dentro de si, para entendê-la” (A.C.G.).

“Antes, qualquer obra de arte parecia não ter significado, principalmente a contemporânea. Depois que aprendemos a dar novos significados às obras e a interpretá-las de modo diferente, tudo ganha novos sentidos, a arte ganha novo sentido. A arte me ensina a pensar e abrir meus horizontes” (E.L.).

“Na verdade, a única mudança que eu percebi foi que um trabalho tem um significado mais profundo do que ele aparentemente mostra”. (C.A.M.)

“Percebi que o sentido de uma obra depende mais do público do que do artista”. (L.R.)

“Me deu uma noção melhor e maior até do que está à minha volta”. (C.)

“Aprendi a me perguntar antes de perguntar a alguém”. (C.A.)

Outros aspectos que atuam como elementos de aproximação são as diferentes linguagens que, com sua sensorialidade, transitoriedade, mistura de estímulos, ousadia e questionamentos propostos, abrem seus olhares para um diálogo interpretativo convidativo. A apropriação dos objetos do cotidiano nas obras contemporâneas, aproximando arte e vida e resignificando o comum também chama a atenção dos alunos e contribui para a desmistificação do fazer artístico, antes muito associado às habilidades manuais e agora visto principalmente como atividade intelectual, criativa e propositiva. Essa dissociação da arte com o virtuosismo da habilidade manual que, na sua percepção, coloca-a como algo distante e inatingível, universo especial para poucos escolhidos, lhes inspira algumas considerações:

“De uma forma contrária me ajudou a mudar de idéia sobre a arte contemporânea, pois minha habilidade de desenhar não adiantou em nada na confecção do trabalho, quando os outros colegas, mesmo sem essa habilidade, superaram minhas expectativas” (B.L.)

“A experiência contribuiu mostrando que a arte contemporânea está mais perto de mim do que eu imaginava, a idéia de que não é preciso ser hiper habilidoso para se expressar me ajudou a ter mais ousadia e acreditar na minha capacidade, valorizando até mesmo a minha imaginação, que não levava muito a sério”. (B.A.)

“As experiências vivenciadas em aula abriram caminhos para utilizá-las no dia-a-dia, seja na maneira de pintar uma parede ou na forma de organizar seu quarto”. (A.F.)

Conclusão

Por todas essas considerações, concluímos este trabalho deixando em aberto a questão de que “o potencial contestatório, conceitual, problematizador, desestabilizador, reflexivo, investigativo, aberto, poético e estético” (MENEZES, 2007) implícitos nas obras contemporâneas, associados a um processo de aprendizagem também problematizador, reflexivo, questionador, investigativo, aberto, poético e estético, pode provocar nos alunos uma atitude contestatória, reflexiva, aberta, investigativa, poética e estética diante da arte e também do mundo à sua volta.

Greice Cohn
Maio/2009

Notas

ⁱ Para aprofundar o estudo desses conceitos ver FUSARI, Maria R. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Cortez, 2001

ⁱⁱ In ARCHER, Michael. *Arte contemporânea – Uma história concisa*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, Prefácio.

ⁱⁱⁱ 3 MENEZES, Marina Pereira. *A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes*. Dissertação de mestrado, UERJ, 2007.

^{iv} Para aprofundar o estudo desses conceitos ver FUSARI, Maria R. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Cortez, 2001

^v Texto que faz parte de um documento utilizado pela equipe de Cenafor (1983, p.30) na preparação de professores em serviço, in FUZARI & FERRAZ. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Ed. Cortez, 2001.

^{vi} Parêntese da autora

^{vii} History of Art Education. 1990. New York: Teachers College, Columbia University. p. 263 in NOESIS nº 52 - Out/Dez 1999 – DOSSIE. Entrevista com Michael Parsons.

^{viii} NOESIS nº 52 - Out/Dez 1999 – DOSSIE. Entrevista com Michael Parsons.

^{ix} Artista nascido no Rio de Janeiro, cuja obra abrange a produção de desenhos, esculturas, vídeos, fotografias, textos, instalações e performances. Suas peças, construídas com diversos materiais, desenvolvem um vocabulário plástico com elementos da visualidade urbana deslocados de seu contexto usual.

^x Artista nascida em 1964, no Rio de Janeiro, cuja obra apresenta releituras de elementos visuais incorporados à cultura brasileira pela colonização, como a pintura de azulejos portugueses, ou a referência à crueza e agressividade da matéria nos trabalhos com “carne”, no qual a artista discute relações paradoxais entre sensualidade e dor, violência e exuberância.

^{xi} A experiência que fundamenta esse trabalho se desenvolve no âmbito de uma escola pública federal na cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, Unidade Centro, na qual os alunos cursam a disciplina Artes Visuais durante todas as séries do Ensino Fundamental (I e II) e na primeira série do Ensino Médio, quando é focado o ensino da arte contemporânea.

^{xii} Comentários de alunos da primeira série do Ensino Médio do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, coletados nos anos de 2007.

Referências Bibliográficas

- ARCHER**, Michael. *Arte contemporânea – Uma história concisa*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA**, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- _____. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo, Cortez, 2003.
- _____. (org.). *Arte/Educação contemporânea – Consonâncias internacionais*. São Paulo, Cortez, 2005.
- ECO**, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- FERRAZ**, Maria Heloísa C. de T e **FUSARI**, Maria R. de Rezende. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Cortez, 2001.
- IAVELBERG**, Rosa. *O ensino da arte se transforma*, in *Arte contemporânea em ações interdisciplinares na escola*. SESI – Arte-Educação, 2006.
- LONTRA**, Marcos. *Arte contemporânea: o ensino da essência*. SESI – Arte-Educação, 2006.
- MARTINS**, Miriam Celeste (org.). *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo, Instituto de Artes da Unesp, 2005.
- MENEZES**, Marina Pereira. *A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes*. Dissertação de mestrado, UERJ, 2007.
- MEC**. *PCNs para o Ensino Médio*. Brasília, Ministério da educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- NOESIS nº 52** - Out/Dez 1999 – DOSSIE. Entrevista com Michael Parsons: History of Art Education. 1990. New York: Teachers College, Columbia University.
- RIZZI**, Cristina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching. Artigo publicado no Boletim Arte na Escola nº 22, março de 2000.
- SADEK**, José Roberto. *A arte do nosso tempo*. SESI – Arte-Educação, 2006.
- SANTAELLA**, Lucia. Palestra no Simpósio *Padrões aos pedaços*. Paço das artes, São Paulo, 2005.

Currículo

Greice Cohn é Mestra e Especialista em Tecnologia Educacional – NUTES/UFRJ (2002 e 2004) e graduada em Licenciatura em Educação Artística – Artes Plásticas - UFRJ (1984). Desde 1994 leciona Artes Visuais no Colégio Pedro II (E. Fundamental e Médio) e atua, desde 2007, como Coord. Pedagógica do Pólo Arte na Escola/UFRJ. Tem diversos artigos publicados em Revistas Nacionais e em Anais de Encontros Estaduais, Nacionais e Internacionais de Arte-Educação, nos quais tem participado ativamente.